ANNO I — Ovar, 7 de Abril de 1910 — NUMERO 30

Regenerador Liberal

SEMANARIO MONARCHICO

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao "Regenerador Liberal„ — OVAR

COMPOSTO E IMPRESSO NA Typ. Fonseca & Filho Rua da Picaria, 74 — PORTO

DIRECTOR e PROPRIETARIO
Amadeu Peixoto Pinto Leite
SECRETARIO da REDACÇÃO
Manoel Maria Correia Vermelho

ASSIGNATURA
Em Ovar (anno). . . . . 1$000 reis
Com estampilha (anno) . . 1$200 »
Brazil e Colonias . . . . 1$500 »

PUBLICAÇÕES
No corpo do jornal, a 60 reis a linha, largura d'uma columna. Annuncios e communicados, 50 reis; repetições 25 reis. Annuncios permanentes, contracto especial.
Os snrs. assignantes teem o abatimento de 25 por cento.

HISTORIA CONTEMPORANEA

Não vae a matar a vulgarisação, que emprehendemos, de paginas recentes da historia portugueza. Hoje occupar-nos-hemos tão sómente da obra dictatorial... do sr. conselheiro Bernardino Machado, visto que até este cordeal, manso e mesureiro senhor molhou desenfreadamente a sua sopa na omniosa calda das dictaduras.

Ninguem o ha de dizer, ao contemplar-lhe a aureolada e celeste effigie no celebre quadro de Baeta, ou vendo-o, quando perpassa a condecorar todo o mundo com os mais exhuberantes cumprimentos, destes que se levam para casa e se guardam religiosamente no fundo de uma velha arca para se deixarem aos filhos ou para descerem ao tumulo com os proprios contemplados. Ninguem o havia de dizer, ouvindo-o, quer nas salas da Associação «Voz do Operario», onde declarou austeramente bens mal adquiridos os terrenos concedidos a esta instituição por um decreto em dictadura do governo regenerador liberal, quer nos mil e um discursos em que tem por certo severamente excommungado todas as dictaduras e todos os dictadores.

E, contudo, não ha nada mais verdadeiro que este facto summamente decepcionador: tambem o sr. conselheiro Bernardino Machado fez dictadura! Tambem tem essa macula reaccionaria a carta do conselho que completa tão felizmente a individualidade intellectual inconfundivel do dulcissimo pedagogo *Notas dum pae* e da ultima gréve academica!

Pela de 14 de feyereiro de 1896 foram mandadas vigorar até nova resolução das camaras as providencias de caracter legislativo promulgadas pelo governo desde 28 de agosto de 1893.

Entre essas providencias comprehendem-se tres promulgadas durante o periodo em que o sr. conselheiro Bernardino Machado fez parte do governo, e como dictatoriaes impressas juntamente com o projecto de lei de *bill*, de 31 de outubro de 1894, derivado da proposta ministerial de 20 do mesmo mez e anno.

São o decreto de 28 de agosto de 1893, reformando a organização policial de Lisboa e creando o juizo de instrucção; o decreto de 26 de setembro, permittindo a importação de trigo e limitando o numero de padarias; e o de 9 de novembro, estabelecendo regras para o julgamento de companhias de caminho de ferro nos casos de cessação de pagamentos ou fallencia.

E', portanto, o sr. conselheiro Bernardino Machado réo de tres decretos reconhecidamente dictatoriaes. E deve notar-se que dos tres decretos reconhecidamente dictatoriaes promulgados emquanto o sr. conselheiro foi ministro, dois foram evidentemente da iniciativa do ministerio das obras publicas:—o que permittiu a importação do trigo e limitou o numero de padarias, e o que estabeleceu regras para o julgamento de companhias de caminhos de ferro nos casos de cessação de pagamento ou fallencia. Como se vê, era promettedora a embocadura dictatorial do doutor angelico da democracia.

Referendou o sr. conselheiro Bernardino Machado o decreto que reformou os servicos policiaes de Lisboa, creando o juzo de instrucção, que os seus novos correligionarios apresentam como uma traducção portugueza da Bastilha. Fundou, pois, o juizo de instrucção e fundou-o dictatorialmente.

E quando lhe recordam indiscretamente a responsabilidade, que tem em semelhante reforma, limita-se o suave demagogo a allegar esta estupenda e descommunal circunstancia dirimente:—fez o juizo de instrucção, como Mr. Jourdain fazia prosa, sem saber o que fazia! Esse singular homem de estado honorario teve a coragem, sem exemplo, de declarar que assignou o decreto creando o juizo de instrucção sem o ter lido ou pelo menos sem o ter percebido...

Iniciava-se uma dictadura com um diploma, que creava o juizo de instrucção e modificava profundamente a nossa legislação de processo sobre prisão e detenção preventivas. Pois o ameno democrata de hoje ligava a um diploma, que tão profundamente respeitava aos mais elementares direitos do cidadão, o mesmo nullo interesse que pode ligar á primeira camisa que vestiu!

Garantias e liberdades individuaes, tudo considerava como uma questão interessando exclusivamente os jurisconsultos, e completamente alheia ás preoccupações do simples cidadão e até do homem publico não especializado nos assumptos das pastas do reino e da justiça! Garantias e liberdades individuaes não constituiram materia da sua especialidade e era-lhe completamente indifferente que sobre o assumpto se legislasse n'um ou n'outro sentido, por via legislativa ordinaria ou dictatorialmente!

Pediam-lhe a assignatura? Dava-a, sem perguntar sequer o que lhe traziam a assignar. Assim, com esta soberba indifferença pelas liberdades fundamentaes dos cidadãos, fez este estranho estadista a sua transição, tão singular como facil, para ministro de estado honorario e apostolo caudaloso da democracia e da liberdade...

Comprehende-se que em materia de liberdade e garantias individuaes se defenda um regime mais amplo ou mais restricto,—mas é certamente sem precedentes a declaração ingenta que um homem publico despreoccupadamente faz de que nada teve com um diploma que assignou e que respeita essencialmente ás garantias e liberdades individuaes... porque a questão não era de obras publicas.

E' assim, com este estranho criterio sobre solidariedade e responsabilidade ministerial e sobre as garantias dos cidadãos, que se faz tirocinio para estadista republicano.

Referendou o sr. conselheiro Bernardino Machado o decreto dictatorial de 26 de setembro de 1893 sobre importação do trigo e fixação do numero de padarias.

Esse diploma limitou a 250 o numero de padarias na cidade de Lisboa e auctorisou que se estabelecesse analogo limite n'outras cidades. Accusado a proposito d'este decreto nenhumas explicações deu o sr. conselheiro Bernardino Machado acerca da sua natureza dictatorial. Quanto ao limite das padarias... explicou o sr. conselheiro que não fôra sua intenção legislar para a eternidade. Não reparou em que o argumento prova demais e justifica todos e quaesquer diplomas, porque nunca os seus auctores pensaram de certo em legislar para a eternidade!

Do corpo de delicto dictatorial do mimoso revolucionario faz parte ainda o decreto de 29 de novembro de 1893 sobre suspensão de pagamentos e fallencias das companhia de caminhos de ferro. Este decreto é principalmente interessante pela innocencia com que o egregio homem de estado honorario invoca a auctorisação concedida pela carta de lei de 27 de julho do mesmo anno para disfarçar o caracter dictatorial de um diploma, que nada, absolutamente nada tinha com semelhante auctorisação.

Vae já longo este artigo, e por isso ficarão para outra vez algumas notas sobre a dictadura, que o sr. conselheiro Bernardino Machado fez subrepticiamente em simples decretos, para fugir á responsabilidade politica inherente aos diplomas dictatoriaes.

Essa é a peor das dictaduras, porque se subtrah á apreciação das côrtes na discussão e votação do *bill:* não é uma formula legislativa de direito consuetudinario, como a dictadura ostensiva, mas pura e simplesmente a violação astuciosa da lei. Ha de ser-nos facil mostrar quanto semelhante dictadura abundou na obra governativa do douto professor de legalidade e de democracia.

E ficará assim completo o estudo dos seus peccadilhos dictatoriaes, cujo conhecimento deve servir para se acolher com resignada philosophia toda a rhetorica prodigamente disparada contra dictaduras e dictadores, e para que o paiz chegue emfim ao conhecimento sedativo de que a dictadura não foi propriamente uma descoberta scientifica do governo regenerador liberal.

TELEGRAMMA

Em resposta ao telegramma que a Commissão do Partido Regenerador-Liberal enviára ao Sr. Vasconcellos Porto, no dia da reunião magna do nosso partido, em Lisboa, registramos hoje outro telegramma:

«Conselheiro Caetano Fernandes —Ovar.

Agradeço V. Ex.ª e nossos amigos politicos manifestação, lealdade partidaria que muito aprecio.—*Vasconcellos Porto.*»

Contribuições

Está prorogado até ao fim do mez corrente o praso para o pagamento das contribuições do estado, neste concelho.

O LACTARIO

Bem recebido pelo publico e bem succedido nos seus resultados, o bôdo aos pobres dado a 66 infelizes no dia de Paschoa, veio-nos desterrar do espirito o preconceito mau que nos perseguia de que em Ovar nada poderia entrar que não cheirasse a *ranço* chronico e que descarrilasse dos trilhos lamacentos do adamico carro de bois que vem puxando a rotineira.

Ahi temos nós a bella instituição de beneficencia, que oxalá venha a tornar-se em realidade com a fundação d'uma *Misericordia*.

Terra enorme em população e pobreza, villa alguma mais do que Ovar deve receber essa obra com tanto carinho e complacencia como nós, os vareiros.

Demais, está essa Instituição entregue em mãos competentes e habeis, capazes de tornar viavel essa obra de caridade publica sem o nosso magrissimo concurso.

No entanto, emquanto os competentes e homens de vista larga vão manejando as paginas desse collossal *in folio* do bem, nós, por nosso lado, não nos esquecemos de ir concorrendo com a nossa boa vontade para cutras instituições de menos alcance, mas de grande utilidade presente.

Temos recebido algumas cartas e alguns alvitres de pessoas sensatas e de assignantes generosos que não se esquecem da nossa villa.

Em vez de festas de verão, de luminarias de azeite de arraial, de batalha de flores, não seria descabido e não cheirava a desproposito, pensarmos, todos os vareiros, em aligeirar os encargos d'aquelles que encontram no trabalho diario a garantia do seu sustento quotidiano?

Vae em breve principiar a labuta da pesca no Furadouro. Não raro se vê, por essa estrada do mar, pobres mulheres, pescadeiras, que fazem da venda do pescado pelas portas da villa a receita das suas depezas diarias.

Debaixo dum sol abrazador, carregadas de sardinha durante longas horas, com a bocca a saber ao sangue, trotando como cavallos pelo macdame das estradas, essas infelizes espalham-se pelas ruas da villa no seu afan de despachar a pescaria e de juntar para a compra do magro pão que ha-de ser a base da

---

(7) FOLHETIM

JULIO DINIZ

AS PUPILLAS DO

SENHOR REITOR

Chronica d'aldeia

Morena, morena
Dos olhos rasgados,
Teus olhos, morena,
São os meus peccados.

São os meus peccados
Uns olhos assim.
Morena, morena,
Tem pena de mim.

Morena, morena
Dos olhos galantes,
Teus olhos, morena,
São dois diamantes.

São dois diamantes
Olhando-me assim.
Morena, morena,
Tem pena de mim.

Morena, morena
Dos olhos morenos,
O olhar d'esses olhos
Concede-me ao menos.

Concede-me ao menos,
Não sejas assim.
Morena, morena,
Tem pena de mim.

— Temos o homem — disse o reitor, depois de ouvir a cantiga, e enfiou resoluto pela rua adiante. Mas, tendo dado alguns passos mais, parou como se mudasse de tenção.

—Nada, não convem que me veja. E' preciso espial-o sem que elle dê por isso.

Feita esta reflexão, passou um rapido exame ao terreno e retrocedeu. Dobrou novamente a esquina da viella em que se introduzira; costeou o campo do lado direito, até se lhe deparar uma cancella rustica, que não lhe oppôz a minima resistencia, e, occulto pelo centeio, caminhou, o mais prudentemente que pôde, até ao logar correspondente áquelle d'onde partia a voz e d'ahi por diante até descobrir a caça que procurava. Não levou muito tempo a realisar o seu intento.

Eis a scena que viu o reitor, accorado entre o centeio, com a bengala fixa no chão, mãos apoiadas na bengala, e queixo apoiado nas mãos.

IV

Defronte do campo, d'onde, com as melhores intenções d'este mundo, o reitor estava espionando, e separado apenas d'elle pela estreita e humida rua, de que já fallamos, estendia-se um tracto de terreno inculto, muito coberto de tojo e de giestas e d'essa espontanea vegetação alpestre, que no nosso clima enflora ainda os montes mais áridos e bravios.

Dispersas por toda a extensão d'este pasto, erravam as ovelhas e cabras de um numeroso rebanho, de que eram unicos guardadores um enorme e respeitavel cão de pastor e uma rapariguita de, quando muito, doze annos de idade.

Até aqui nada de notavel para o reverendo parocho.

Mas o que o maravilhou foi o grupo que formavam, n'aquelle momento, a pequena zagala, o cão e o nosso conhecido Daniel, por via de quem o bom do padre emprehendera tão trabalhosa excursão.

A pequena, sentada junto de uma pedra informe e musgosa, folheava com attenção um livro, dirigindo, de tempos a tempos, meios sorrisos para Daniel, que, deitado aos pés d'ella, de bruços, com os cotovêlos fincados no chão e o queixo pousado nas mãos, parecia, ao contemplar embebecido os olhos da engraçada creança, estar divisando n'elles todos os dotes mencionados na canção da *morena*, que lhe ouvimos cantar.

Jaziam ao lado dos dois uma roca espiada e os livros de Daniel.

Completava o grupo o cão, enroscado junto do pequeno estudante com desassombrada familiaridade, e denunciando assim que o conhecimento entre elles, e por conseguinte de Daniel com a pastora, não era já de muito recente data.

Este grupo, apesar de toda a sua belleza artistica, realçada pelas meias tintas do crepusculo e por o fundo alaranjado do céo, sobre que se desenhavam os rendados das arvores ao longe, não agradou de maneira alguma ao reitor, que, com um franzir de sobr'olho, mostrou claramente a contrariedade que elle lhe fazia experimentar.

Esteve para surgir de entre o centeio e mostrar-se, aos enlevados personagens d'este idyllio infantil, severo e terrivel, como o vulto gigante do Adamastor, nas estancias do grande épico.

Pôde, porem, conter-se e constrangeu-se a observar a scena, com mal reprimido desagrado.

A pequena, que estivera por muito tempo inclinada sobre o livro, como a luctar com alguma difficuldade de leitura, que procurava vencer por si, acabou por fazer um gesto de impaciencia, e, apontando com o dedo a palavra da dúvida, collocou a pagina diante dos olhos de Daniel, perguntando lhe:

Continua.

alimentação d'uma familia na semana seguinte.

E estas desgraçadas, que chegaram carregadas de peixe do Furadouro, com os filhos de peito sobraçados, lá voltam outra vez, á carreira, para apanhar o segundo lanço, a comer um pedaço de borôa e a correr sempre, com o filho deitado na canastra, até ao Furadouro!

Em presença d'isto, nós lembramo-nos (e pedimos alvitre aos nossos leitores) que não viria fóra de proposito, abrir-se uma subscripção, desde ja, para a *Installação* d'um lactario publico, onde as creancinhas podessem estacionar e alimentar-se em quanto as mães andam na lubata pelo pão.

Bastaria alugar uma casa agazalhada e espaçosa, na rua dos Campos, por exemplo. Estamos certos que pessoas caridosas poriam, ao dispor do lactario, durante esses mezes, os berços necessarios para as creanças.

Duas ou tres mulheres, caridosas e de meia idade, encarregar-se-iam das creanças, mediante um parco soldo.

E para a compra do leite quotidiano não deveriam faltar as esmolas de todos aquelles que teem olhos de ver isto.

A's vezes uma creança impede uma mulher valida de ganhar o seu jornal. Não raro se veem essas mulheres, deante da necessidade de ganhar o seu dia, pedirem e pagarem ás visinhas que lhes tomem conta do filhinho, vendo-se na volta obrigadas a deduzir do seu magro ganho a verba com que devem pagá visinha, que geralmente lhe tratou o filho sem carinho e sem caridade.

Agóra seremos alcunhados por visionarios, por apresentarmos estas ideias e que serão tidas por irrialisaveis? Paciencia.

Lembramo-nos d'isto, por não depender presentemente de grossos capitaes e por trazer magnificos beneficios a quem necesssita de mourejar o pão negro para viver.

Fica a ideia. Se a podermos levar a cabo. .

E' uma semente que pode fructificar e ser de optimas consequencias praticas para as pobres mães, pobres e desprotegidas, para quem a taça da riqueza e da abastança não tocou pelos labios.

Poderiamos sonhar com obra de mais largo folego, uma Creche, por exemplo; mas... estamos em Ovar e viver n'esta terra é desconfiar de toda a entrada e inicio de cousas novas. Assim vamos pelo seguro. Começaremos por pouco, e com o auxilio e boa vontade de todos os patriotas conseguiremos attingir o nosso fim, que se nos afigura tão patriotico e tão philantropico.

Senhora do Desterro

Realisou-se no domingo e segunda feira ultimos a romaria do Desterro em Arada. A concorrencia foi mediana, devido á forte e rispida ventania que fez nesses dias. De resto é esta uma das festividades do concelho que mais povo mette d'esta villa.

Magnifica Vitella

Victorino Ribeiro declara a todos os seus freguezes e amigos que desde o 1.º de abril pode fornecer no seu estabelecimento ao Largo do Chafariz, vitella de boa qualidade por preços convidativos.

Versos á Violeta da Ponte Reada

Ao nosso presado amigo que nos pede a publicação d'uns versos com este titulo, rogamos a fineza de nos remetter uma copia mais intelligivel, porque a que temos presente não o é.

E ficamos ao dispôr para quanto nos seja possivel moralmente.

Nordestia

Desde o dia 1.º de abril que nesta villa tem soprado uma nortada desabrida; as cousas agora vão mudando de figura.

Ainda a Paschoa dos pobrezinhos

Subscripção para o Bôdo aos pobres no dia de Paschoa

Conclusão da lista geral

Transporte . . .	29$520
Manoel Alves Correia	500
Rosa Pereira d'Almeida Castro. .	200
Albina Lopes Vinga	500
Antonio d'Oliveira Marcoso . .	150
D. Thereza d'Oliveira Soares . .	500
Bernardo Maria dos Reis . . .	200
Total . . .	31$570

A receita geral colhida entre os nossos amigos para o Bôdo aos pobres, subiu á quantia de 31$570 rs.

Devemos notar um ligeiro engano. O nosso amigo Rev. Padre Semião subscreveu-se com 500 reis. Esta quantia sahiu, sob anonimato no n.º 20 (27 de janeiro) e tornou-se a repetir com o nome verdadeiro do subscriptor no n.º 26 (10 de março).

D'aqui nasceu o mencionado engano, contra a verba da subscripção, engano que sanamos agora.

Egualmente pômos hoje os pontos nos ii relativamente a faltas nossas, não incluindo na lista geral o nome dos nossos assignantes Manoel Alves Correia e Rosa Pereira Castro que não foram mencionados na lista geral do numero passado, por lapso.

Temos, pois, que a receita geral da subscripção foi de 31$570 reis. E assim pouco excede a conta da despeza com o bôdo, que sóbe apenas a 31$145 reis, mercê da generosidade d'esta redacção, que esportulou, além da sua quota subscripta, mais 5$000 reis para a musica, e do Bento Cura que cedeu gratuitamente os mastareus, galhardetes e bandeiras com que adornamos o local da festa.

Fica então em nosso poder o saldo de 425 reis, que será applicado ou no custeio das despezas do lactario, cuja fundação hoje propomos e encarecemos aos nossos caritativos leitores como obra de misericordia de grande alcance, ou noutro fim a que possa destinar-se.

E aqui teem os nossos presados amigos, em resumo, como nos desempenhamos do encargo voluntariamente tomado de applicarmos o dinheiro da nossa subscripção.

José Fartura

Procurou-nos ha dias este bom velhinho para que o livrassemos da camisa d'onze varas em que se mettera, recitando os versos a que no ultimo numero alludimos, no fim do jantar dos pobresinhos. O bom do homemsinho é cego e entrega-se, quando a caridade o não visita, á mendicidade, para não morrer á mingua. Porisso todos o apoquentam aqui e além, exigindo que recite os versos do bôdo.

Isto uma vez só, ainda se toleraria, mas dezenas de vezes, sempre, é *estupante*.

Ora d'esta massada é que elle veio pedir que o livrassemos, tomando-lhe nota dos versos e dando-lhes publicidade.

E' justo o pedido, são lindos e chistosos a valer os versos e por isso elles ahi vão tal qual os recitou o tio Fartura. Tal e qual. Vão com certeza gralhados, mas foi assim que elles fizeram rir a bandeiras despregadas o publico que ouviu o tio Fartura.

Mais nos pediu o septuagenario, que lhe escrevessemos e publicassemos o agradecimento que em nome seu e dos seus commensaes do bôdo dirigiu á commissão promotora.

Ouvimol-o e fômos escrevendo fielmente o

Agradecimento

«Agradeço com profundo reconhecimento, á commissão d'esta festa, que tomou a iniciativa d'este generoso bôdo, proporcionando-nos o abundante e delicioso jantar — em meu nome e de todos os contemplados.

Esta generosa acção tão nobre como louvavel, me ficará gravada na memoria em todo o decurso da minha, já adeantada, existencia, e tambem no espirito dos meus collegas no pauperismo.

Agora resta-nos pedir constantemente a Deus, que proteja e recompense suas excellencias e todos aquelles que directa ou indirectamente concorreram para esta festa, em tudo quanto mais desejar.»

Aqui fica tambem estampado para satisfação do seu auctor.

E sobre a festa dos pobresinhos nada mais teriamos a dizer, se se não tornasse indispensavel remediar uma involuntaria omissão, que commettemos no ultimo numero, deixando de mencionar as tão prestaveis como distinctas senhoras, que de tão boa mente dedicaram seus serviços á meza dos infelizes, trinchando e fazendo-lhes os pratos. São ellas as ex.mas senhoras D. Herminia Silveira Abreu, D. Rosa Marques da Silva, D. Joanninha e D. Maria Luiza Silveira.

Egualmente não podemos deixar no olvido os nomes das gentis meninas que se encarregaram da distribuição dos *bouquets* de violetas, e cujo producto reverteu a favor da musica. São ellas: Isilda, Bella e Zelia Gomes Pinto, Irene Abreu, Rosa Santhiago e D. Maria dos Anjos Silva.

Aqui lhes fica ainda em tempo, consignando o nosso mais vivo reconhecimento.

NOTA

A «Discussão» de domingo, dando noticia do bôdo do «Regenerador Liberal», faz varias considerações a respeito da caridade... alheia, ás quaes tem resposta clara e desassombrada n'este numero, e formula um commentario que não tem razão de ser, porque nada houve que tal merecesse.

Falla ella de libações demasiadas e de consequencias desastradas. Ha engano.

O jantar correu bem e sempre na melhor ordem. Não houve um unico desalinho causado pelo sumo da uva. Mas nós bem sabemos porque é que a «Discussão» assim pia. E sabemos tambem que a «Discussão» podia informar-se logo de toda a verdade. Sim. Isto é que é certissimo. O pobre que passou ás Pontes n'um estado lamentavel e que motivou decerto aquella affirmação, deve sabel-o a «Discussão», embebedaram-n'o uns *graciosos* rapazes, cujos nomes podiamos citar.

Chamaram-n'o, quando elle regressava do bôdo, para a venda do Ravasio e deram-lhe o vinho que elle quiz. Mais: ao passarem á venda da Anna do Soares Pinto não foram ávante sem alli o introduzirem e darem-lhe a beber mais uns golitos.

De fórma que ao chegar ás Pontes ia o Rato em lastimoso estado. Por culpa nossa? Por lhe termos proporcionado as taes *illibações* demasiadas?

Já vê que não.

Portanto, será de todo o ponto justo que o collega faça a rectificação, visto que preferiu proceder de leve nas suas affirmativas. A «Discussão» timbrou sempre de séria.

E de lamentar seria que agora resolvesse desmentir tão bellas e honrosas tradicções.

Carlos das Neves

E' uma das mais antigas e conceituadas casas commerciaes do Porto. Fundada em 1776, tem vindo atravessando o tempo, conquistando renome e freguezia em toda a cidade do Porto e na provincia. Todo o Porto conhece esta casa de chá, café e assucar, fornecedora das primeiras familias da cidade e terras circumvisinhas. Em Ovar não é pequena a freguezia que ao estabelecimento do Sr. Carlos das Neves se vae sortir.

Localisada n'um dos pontos mais centraes do Porto, mesmo ali á rua das Flores n.º 226, lá encontrarão os nossos leitores verdadeiras especialidades no genero e verdadeiras pechinchas nos preços.

Doente

Tem passado incommodado de saude o nosso bondoso amigo Padre Antonio Pereira d'Almeida. Estimamos que melhore depressa e radicalmente.

CHRONICA

Evidentemente. Em Ovar existe já e bem desenhada uma reacção contra o passado que ainda pretende dominar-nos pelo rotineirismo em que tem sobrevivido até nossos dias.

Ahi está travada a lucta entre elementos novos, principios de renovação e progresso, e tudo quanto representa uma inutilidade ou um prejuizo para a vida social. A velha ordem de coisas que ainda ahi prevalece mercê do costume e rotina, encontra-se ao presente em guerra aberta com um novo ideal, que é esta sêde declarada d'um futuro melhor, d'uma transformação completa da nossa terra, tão esquecida, tão despresada pelos que a tem governado e administrado de ha dezenas d'annos e por isso tão decadente.

A refrega ateia-se por toda a parte e é multiforme.

Não é uma lucta clamorosa, as ruinas não se alastram, nem sobre os destroços do passado se hasteia altaneiro o pendão do novo ideal.

Este trabalho de renovamento vem sendo persistente, mas pacifico, se assim é dado exprimir-me.

E' uma reacção violenta, que não ha de deixar pedra sobre pedra, mas ao mesmo tempo suave como as d'um laboratorio.

O analphabetismo vai soffrendo uma funda derrota e a instrucção vem sendo procurada com amor e dedicação.

Com elle soffre tambem o despotismo as mais acerbas desillusões e os golpes mais certeiros.

A opinião publica affirma-se e a vontade *dos Senhores* tem alguma coisa mais a attender que os seus caprichos.

Os velhos processos administrativos vão sendo subrepticiamente banidos por detestaveis. Mas para estes não chegou ainda o momento critico de lucta, que já ahi se desenha contra as nossas seculares condições materiaes.

Ellas ahi andam postas em cheque. Todos reconhecem a necessidade de melhoramentos nesta terra.

Falla-se n'uma grande commissão que os promova e vá já elaborando os seus projectos.

Falla-se em que nessa commissão vão entrar homens de todas as facções.

A camara municipal tem mesmo representação n'essa pleiade de individuos.

São as fileiras que se vão formando e ordenando para dar combate ao nosso atrazo moral e material.

Nós atravessamos claramente um periodo de transição.

Activa-se o trabalho.

Cá estamos tambem no nosso posto. Estamos mesmo na brecha.

O «Regenerador Liberal» tomou uma das posições mais arriscadas e pelo desassombro com que falla muito ha de concorrer para a victoria n'esta refrega em que todos temos por dever empenhar nos.

Alfredo.

Domingos Fernandes Pereira

Intelligente e activo, desenvolve este bello rapaz toda a sua energia e emprega o melhor das suas faculdades de trabalho no cumprimento dos seus deveres de gerente, em Ovar, da importante casa de machinas de costura «Singer». Sempre prompto a prestar da melhor vontade todos os esclarecimentos sobre o artigo da casa que representa, é incansavel em propugnar pelos interesses e progresso da mesma.

E assim por todas as formas ao seu alcance forceja por tornar o mais largamente conhecida a machina «Singer» na villa e em todo o concelho d'Ovar, que percorre frequentes vezes.

Agora acaba elle de nos brindar com uns lindos impressos a côres, servindo de reclame aos trabalhos universalmente acreditados da companhia «Singer».

Esses impressos fôram profusamente distribuidos.

Agradecemos pela nossa parte.

O COMETA

Versos de Faustino Xavier de Novaes para serem recitados em 1852 n'um theatro do Porto, no beneficio do actor Abel Augusto —conforme a memoria e testemunho de José Fartura.

São dez horas meu Deus! E á meia noite
Finda o praso fatal e com elle a vida.
Não tem um só vivente onde se acoite,
Espreitando essa immensa despedida.

Morre tudo, senhores, o sabio, o tolo,
Morre o pobre, o rico, o cão e o gato
Tudo junto debaixo do tijolo
Como fica na lama o carrapato.

Esses marmores, esses asulejos
Tudo n'um requeijão, todos confundidos
Os palacios tão chatos como queijos
Tambem d'essas ruinas destruidos.

Esses homens de bem, homens tão serios
Que a vida atravessando sempre fartos
Marmoreas caras tem nos cemiterios,
Misturados com os sapos e lagartos.

Eu que ao throno subi n'este reinado,
Eu, que papa já fui n'esta carreira
Hei de por fim tambem ser condemnado
A' triste condição d'uma toupeira.

Ah! mundo, mundo, falso paraizo!
Tua vasta grandeza é tudo peta.
Um Deus para crear-te foi preciso
E p'ra te anniquilar basta um cometa.

E Deus para levar tal obra ao cabo
Em seis dias gastou saber profundo.
Vem por fim um cometa, estende o rabo,
Dá-lhe trez chicotadas... e adeus mundo!

Mas silencio! é zombaria
Ter d'esta vida a lembrança
Quando é já morta a esperança
E o tempo está por um fio.
Perde-se o tempo e o feitio
N'este discurso baldado.

E' gastar bom phrazeado,
E' ter uma ideia nova,
E' ter á beira da cova
Pretensões a deputado.

De que valeu esse aviso
Que a sciencia aos homens dera?
Será ella uma chimera
Uma balôfa impostura?
E' feliz a creatura
Que a sciencia não venera.

Diz um sabio: acaba o mundo.
E o nescio fica-se rindo.
...Mas o tempo vae fugindo,
Lá vamos todos ao fundo.
E ao povo que furibundo
Arrependido hoje chora
Por desprezar em boa hora
Esse aviso da sciencia
Dirá o sabio: paciencia!
Zombem da sciencia agora.

Mas se acabasse esta vida
Por uma causa mais forte,
Se quem a deu desse a morte,
Era mais doce a partida.
Mas ser a terra engolida
Por um cometa iracundo
Torna-me isto furibundo,
Não quero que o mundo acabe.
Pois se ha cá tantos, não cabe
Mais um... cometa no mundo?

Oh! se cabe. Eu até creio
Que a terra é a sua morada.
Mas se é d'elles habitada
D'onde vem tanto receio?
Pois será bicho tão feio
Que do mundo assim dê cabo?

. . . . . .
. . . . . .
Lembra-me agora, é verdade
Será por não terem rabo?

Homens, homens da sciencia
Como loucos infelizes,
Deixaes-vos ir de narizes,
Não tendes um pensamento
Que n'este ensejo vos valha.
Andaes manejando a gralha
Como pavão enfeitado.
De resto não valeis nada,
Sois uns bonecos de palha.

Ha quem faça cabelleiras,
Ha quem invente umas botas,
Quem fabrique falsas notas,
Que parecem verdadeiras;
Quem encha de frioleiras
D'alto abaixo uma gazeta,
Ha quem enfeite uma pêta
Com as galas da verdade,
E só falta habilidade
Para engulir um cometa!

Adeus oh mundo! Inteiro
Vaes cahir no precipicio.
Eu passei um beneficio,
Sempre quero o meu dinheiro.
Mas como não deixo herdeiro
Nem ninguem cá ficará,
Adeus! Adeus! porém lá
Pagar-me podem sem custo.
Procurem Abel Augusto
No valle de Josaphat.

Para o Brasil

Lá vae mais um nucleo de rapazes em demanda de futuro prospero para as longinquas paragens do Pará.

Partem hoje da nossa Villa com esse destino:

Manoel Augusto Freire, Antonio